

**FIOS DO NOVELO:**

crianças negras, educação e trabalho em Vassouras,  
1871 a 1910

## Conselho Editorial

### *Série Letra Capital Acadêmica*

Ana Elizabeth Lole dos Santos (PUC-Rio)  
Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)  
Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)  
Claudio Cezar Henriques (UERJ)  
Ezilda Maciel da Silva (UNIFESSPA)  
João Luiz Pereira Domingues (UFF)  
João Medeiros Filho (UCL)  
Leonardo Agostini Fernandes (PUC-Rio)  
Leonardo Santana da Silva (UFRJ)  
Lina Boff (PUC-Rio)  
Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)  
Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)  
Michela Rosa di Candia (UFRJ)  
Olavo Luppi Silva (UFABC)  
Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)  
Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)  
Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)  
Robert Segal (UFRJ)  
Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)  
Sandro Ornellas (UFBA)  
Sergio Azevedo (UENF)  
Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)  
Waldecir Gonzaga (PUC-Rio)

Alexandre Ribeiro Neto

**FIOS DO NOVELO:**  
crianças negras, educação e trabalho em  
Vassouras, 1871 a 1910

LETRAPITAL

Copyright © Alexandre Ribeiro Neto, 2023

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.  
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem  
os meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.*

EDITOR João Baptista Pinto

REVISÃO Vagner Pereira de Azevedo

PROJETO GRÁFICO Jenyfer Bonfim

CAPA Ulisses de Araújo

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

R37f

Ribeiro Neto, Alexandre, 1976-

Fios do novelo: crianças negras, educação e trabalho em Vassouras, 1871 a 1910/  
Alexandre Ribeiro Neto. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023.

208 p. ; 15,5x23 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7785-887-3

1. Crianças negras - Condições sociais - Vassouras (RJ). 2. Trabalho infantil  
- Vassouras (RJ). 3. Crianças negras - Educação - Vassouras (RJ). 4. Discriminação  
social - Brasil. I. Título.

23-86669

CDD: 305.2308996081

CDU: 316.347-053.2(815.3)

---

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

LETRA CAPITAL EDITORA  
Tels.: (21) 3553-2236 / 2215-3781  
vendas@letracapital.com.br  
www.letracapital.com.br

À Maria Isabel Ribeiro e Osvaldo Ribeiro Neto  
(in memoriam) pela lição de vida e à  
Márcia Guerra Guimarães, meu amor  
que cresce entre as flores do nosso jardim.



## Agradecimentos

Conta no teu jardim flores e frutos, mas não contes as folhas que tombaram. Conta os teus dias pelas horas de ouro, não pelas que falharam. Pelas estrelas conta a noite. E a vida, pelos triunfos, não pelos perigos. Não contes tua idade pelos anos, mas sim pelos amigos. Tradução do inglês de Dom Marcos Barbosa. Publicado no JB de 14/09/1985.

Nesse espaço abro o meu peito e mostro o meu coração. Nele estão presentes os amigos que ao longo desta caminhada acompanharam, estimularam e apoiaram este projeto de pesquisa que em alguns momentos se confundiu com a minha vida. Se não fossem os amigos esta viagem teria sido cruel. Vocês tornaram o caminho mais leve. Vou começar os agradecimentos pela família.

Não tenho palavras para agradecer a minha mãe, Maria Isabel Ribeiro, pelo incentivo, pelo carinho e cuidado comigo. A possibilidade de cursar o mestrado e o doutorado trouxe para nós a possibilidade de estarmos juntos semanalmente. Obrigado por acordar tão cedo e ir dormir tão tarde me esperando. Agradeço também aos meus irmãos e irmãs que ficaram nos bastidores torcendo para que tudo desse certo.

Este time não estaria completo sem a presença da minha esposa, Márcia Guerra Guimarães, que ao longo de 13 anos caminha ao meu lado, combatendo os mesmos combates. Não poderia esquecer os amigos, pois eles são parte da família também. Beatriz do Nascimento Santos, que vibra com cada vitória e indica novos campos possíveis de atuação. José Roberto Góes, um leitor que sugere questões. Foi meu professor na graduação em História, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Formação de Professores. Com ele aprendi muito sobre escravidão. Tenho por você grande afeto e admiração.

Gostaria de agradecer à Luciana Miranda, orientadora pedagógica do Colégio Municipal Walter Francklin, no período em que esta tese era apenas um conjunto de ideias. Nosso

projeto sobre as relações raciais na educação foi muito importante para que eu pudesse amadurecer e pensar o processo de escolarização de crianças negras. Lincoln Fidélis, amigo e professor de Português, que corrigiu muitos textos que apresentei em congressos e seminários, com quem conversei sobre a vida e a Literatura. À Alessandra Ramos Henrique, professora de português, que também leu e corrigiu alguns textos enviados aos congressos. Ao amigo Antônio Dias, que me ajudou na criação dos bancos de dados que armazenaram as informações sobre Soldadas e Mapas de Frequência.

Sou grato à professora Christiane Pureza, que foi diretora da Escola Municipal Condessa do Rio Novo: sem o seu apoio à coleta de dados em Vassouras teria sido mais difícil. Não posso esquecer os proprietários da Londrina Móveis de Vassouras: Guilherme Malheiros, Lucas e Tadeu Trancoso. Obrigado pelas caronas, pelos almoços e pelos risos na estrada. Ao secretário de Cultura e Turismo de Vassouras pelo acesso aos arquivos da Prefeitura, ao Magno Fonseca e Ângelo Monteiro pela acolhida no CDH da Universidade Severino Sombra (USS). À doutora Isabel Rocha, responsável pelo escritório técnico do Iphan no médio Paraíba, que permitiu a consulta dos documentos sob a guarda dessa instituição. Nela não posso deixar de mencionar o grande apoio que recebi dos funcionários, tais como: Sônia, Cacilda, Carlos, Aníbal e Iran.

Regressando a Paraíba do Sul sou grato ao amigo Rodrigo Novaes, professor de Química, pelas conversas sobre História da Ciência e métodos de pesquisa. À Janice Franco, professora de Matemática do sexto ano do Ensino Fundamental do Colégio Municipal Walter Francklin, com ela partilho da filosofia de que devemos trabalhar para recuperar os alunos, pois para reprová-los não é necessário fazer muito esforço. Ao professor de História Carlos Eduardo Delgado Júnior, que leciona no Colégio Municipal Walter Francklin, pelas sugestões bibliográficas. Ao Leonardo Villela de Castro, coordenador do curso de Licenciatura em Pedagogia à Distância (LIPEAD) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), por não deixar morrer a chama dos debates sobre a democratização do Ensino Superior com qualidade, indicando que a universidade é para os alunos mais pobres também.



Esta tese não seria a mesma sem o apoio da amiga Maria de Lourdes da Silva, professora de História da Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Sou grato pelas referências bibliográficas, pela troca que a nossa amizade permite. Espero que possamos desenvolver projetos juntos. Aceitas o desafio de escrevermos em conjunto um livro?

Gostaria de estender o meu agradecimento aos professores da UERJ que ministraram as disciplinas que eu cursei no doutorado. À Jorgete e à Fátima, secretárias do PROPEd, que me atendem com carinho e profissionalismo. Se não fossem vocês estaria perdido em meio aos papéis. Aos colegas das diferentes turmas e dos diferentes grupos de pesquisa. Ao Ednardo Monti e Kátia Maria Soares e Andrea Miguel Abrantes pelo constante incentivo.

Reconheço a importância da contribuição da professora Ana Chrystina Venâncio Mignot, que fez parte da banca de qualificação desta tese. Ao meu orientador Roberto Luís Torres Conduru, pela autonomia que me permitiu formular hipóteses que foram testadas neste trabalho. Às professoras titulares da banca examinadora da tese: Ângela Maria Souza Martins e Dayse Hora, presentes na minha formação desde o mestrado em Educação na UNIRIO. Lia Faria, presente na caminhada do doutorado na entrevista de seleção, no grupo de pesquisa, como professora de disciplina optativa e agora banca de exame de tese. À professora Libânia Nacif, que abriu um dia em sua agenda, para estar presente contribuindo com suas reflexões na banca examinadora da tese. Às professoras suplentes: Maria Celi Vasconcellos e Iolanda de Oliveira, que se prontificaram a ler o material e contribuir carinhosamente. À Alexandra Lima que também disponibilizou datas para fazer parte da banca caso fosse preciso. Em último lugar e não menos importante, gostaria de agradecer aos meus alunos do Ensino Fundamental, de quem roubei tempo, para escrever e estudar, mas que souberam compreender que eu devolveria o tempo com aulas com mais conhecimento. À CAPES pela bolsa de estudos que me foi concedida, (bolsa de doutorado) auxiliando na compra de livros.



## Prefácio

# Linha e Ponta de Agulha

**E**ste livro deriva da tese defendida por Alexandre Ribeiro Neto no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 2015. Sua aprovação culminou um processo iniciado cinco anos antes, na seleção para o curso de doutorado, quando Alexandre contagiou a banca com seu entusiasmo por seu projeto de pesquisa. Ele propunha estudar a exploração de crianças negras contratadas por Soldada e supostamente afastadas do processo de escolarização em Vassouras, entre 1889 e 1930, lidando com fontes ainda não analisadas, que o permitiriam rediscutir a invisibilidade delas no universo escolar e nos segmentos sociais alfabetizados.

Na tese, como nesse livro, Alexandre usa como epígrafe do primeiro capítulo um trecho de “Um apólogo”, de Machado de Assis, no qual agulha e linha travam um tenso diálogo. A querela gira em torno da relevância de cada uma delas no coser. Contra a agulha, orgulhosa de si, que teima em desmerecer a linha, esta argumenta que cada qual tem sua missão e seu valor como parceiras na feitura de trajes. Se a agulha, com sua rigidez metálica e compleição ínfima, é fundamental para a costura, ao vencer o tecido e abrir o caminho para a linha, esta, por sua resistência e maleabilidade têxtil, também é indispensável, ao prender e bordar os panos, garantindo a existência de vestes e enfeites, suprimindo necessidade e luxo humanos. A linha é, porém, mais afortunada, pois circula pelo mundo e até baila em festas, enquanto a agulha repousa na caixa de costura.

A peleja entre agulha e linha ilumina esse livro de dois modos. Por um lado, a fabricação de roupas é uma metáfora da construção historiográfica. Aparecendo no título do livro e nos dos capítulos, as imagens de fio (de linha), novelo, urdidura e trama dão a ver o modo tenaz, paciente e cuidadoso como

Alexandre compõe a sua história. Ele analisa meticulosamente os fios, um a um, e os articula, armando o urdume no qual tece a trama a partir da qual reconfigura uma imagem do passado. Graduado em História na Uerj, em 1998, e com particular gosto pelo fazer historiográfico, ele entremeia sua análise do processo histórico pretérito com um discreto relato de seu processo de pesquisa, reflexão e escrita: os encontros com fontes manuscritas e impressas, os diálogos com diversos autores e suas leituras históricas mais ou menos sedimentadas, a inspiração buscada em obras literárias, as idas e vindas das análises e a montagem textual de sua interpretação. Sutilmente, essa narrativa em paralelo explicita sua consciência da história como artifício.

No árduo processo de pesquisa, em que transitou por variados arquivos, com seus singulares acervos e peculiaridades institucionais, Alexandre lidou com documentos que acabaram determinando alterações no projeto original. Os documentos e a ausência deles, assim como a bibliografia existente, o levaram a mudar os marcos temporais da tese. Ele retrocedeu a data inicial de 1889 para 1871, ano em que a Lei do Ventre Livre foi promulgada, impactando a condição social dos filhos de pessoas escravizadas e a consciência destas quanto à necessidade de outro tipo de educação para seus filhos. E antecipou o final de 1930 para 1910, devido à impossibilidade de compor uma série documental consistente com a qual fosse capaz de remontar com veracidade a trama social em exame. Essa alteração pode parecer um detalhe, mas é outro exemplo de como ele compreende que a história é escrita a partir tanto do entendimento da dinâmica sociocultural em foco, quanto do reconhecimento dos limites que os arquivos impõem à pesquisa e à reflexão histórica. Ou seja, que se faz história interpolando conjunturas e contingências do passado e do presente, e imaginando na lida com os limites impostos pela realidade.

A disputa de poder entre linha e agulha remete, também, às tensões entre servidos e servidores na sociedade brasileira nos momentos finais da escravatura e nas primeiras décadas após sua abolição, em 1888. Seu estudo sobre a exploração de crianças negras ajuda a ver como o antigo sistema escravista sobreviveu, adaptado, renovado, no regime que nasceu, assim, compromete-

tido, envelhecido. Sua análise da continuidade da exploração do trabalho infantil e de interditos à educação formal de afrodescendentes corrobora que o processo abolicionista no Brasil foi insuficiente, inconcluso.

Alexandre foi à caça de indícios que indicavam as barreiras, mas também as brechas criadas ou encontradas pelas pessoas escravizadas e seus descendentes para intervir socialmente e ir além do que era determinado a elas nos regimes escravista e pós-abolição. A partir de sinais que encontrou aqui e ali em fontes dispersas, ele mostra como aquelas pessoas tinham consciência da centralidade da educação no processo de emancipação social e política, lutando pela escolarização de seus descendentes.

Sinais que o permitiram recuperar cores apagadas, vozes caladas e vidas objetificadas, mas também sujeitos em ação, ativos, combatentes. Assim, ele analisou documentos que reiteram como africanos e afrodescendentes eram silenciados, mas também documentos nos quais eles apresentam por si mesmos os seus mundos e suas ações. De onde ressurgem sujeitos fundamentais para entender aquela costura social, mas que permaneciam nos avessos, longe das vistas, servindo para outros bailarem.

Alexandre destaca a história vista de baixo e a micro-história como referências teórico-metodológicas de sua pesquisa. Sim, ele parte de baixo e do miúdo, mas para chegar no alto, olhar longe e pensar grande. A certa altura da introdução, ele anuncia que “os anônimos entram em cena”. Antes descoloridos, emudecidos e objetificados, agora se tornam sujeitos com cores e vozes próprias. Antes ausentes, reconquistam seus lugares na história. Ao trazê-los de volta, Alexandre também se coloca na cena. A história é, para ele, um artifício comprometido com a veracidade e a transformação social. Assim, ele escreve, publica e ensina para mudar o mundo em que vive. Atuando no magistério desde 2001, ele é professor na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Uerj desde 2016, contribuindo para a formação de cidadãos e, particularmente, novas gerações de educadores.

Assim como os fios que Alexandre analisa, esse livro é um fio. Como tal, se articula a outros fios que o precederam. Esse estudo sobre a educação de filhos de mães escravizadas em Vassouras está conectado à dissertação de mestrado sobre

o projeto católico de educação de meninas pobres em Paraíba do Sul, entre 1925 e 1930, que ele defendeu no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2010. E se entrelaça a outras obras que analisam a sociedade brasileira durante e após a vigência do regime escravocrata, o campo educacional e a sociedade do Vale do Paraíba, no Rio de Janeiro. Assim, ele se junta a outros autores que vêm configurando imagens mais verossímeis do passado capazes de ajudar na construção de um diferente porvir. Esse livro-fio se oferece a quem quiser configurar outras tramas socioculturais e estampar outras imagens, uma vida outra.

Seguir trilhas abertas é próprio das linhas, as abrir é tarefa das agulhas. Alexandre é linha. Junta, prende e amarra documentos e interpretações necessárias para construir a urdidura, tecer a trama e estampar uma imagem fidedigna do passado para alterar o presente e construir outro futuro. Portanto, também é agulha.

Roberto Conduru

## Apresentação

**E**sperava pela publicação deste livro desde o acontecimento, um tanto casual, que me fez conhecer a pesquisa de doutorado de Alexandre Ribeiro. A sua dissertação, agora acessível para os interessados, focaliza a trajetória das crianças negras na suas experiências de educação e trabalho, em Vassouras, no Vale do Paraíba, RJ, entre 1871 e 1910.

A participação do autor num congresso, no qual apresentou suas primeiras conclusões sobre o tema em estudo, foi o evento que propiciou a efetivação do nosso contato. Na sua exposição ele citou alguns resultados de minha própria investigação de doutorado sobre a sociedade vassourense, na virada do século XX. Tratava-se, no caso, da história de vida de um personagem que, na sua própria trajetória particular, reflete a singularidade de um processo de ascensão, opulência e declínio de uma região a princípio aparentemente fadada ao progresso, mas que desemboca na decadência de proprietários de fazendas de café e grandes planteis de escravos na segunda metade do século XIX.

Uma rápida leitura da sua tese foi suficiente para perceber a peculiar qualidade do propósito de Alexandre na elaboração de uma investigação, minuciosamente fundamentada, da evolução da escolarização das crianças negras nessa cidade. Do desempenho e do rendimento escolar destas e dos percursos familiares da família escrava, assim como dos significados da liberdade vividos a partir da promulgação da Lei do ventre Livre e da abolição da escravatura no país.

A narrativa construída a partir dos fios da história de Vassouras, desde a fundação da cidade passando pelo processo de escolarização das crianças negras, no primeiro capítulo do livro, conformam, a seguir, as tramas da presença destas mesmas no âmbito do trabalho e os pedidos de contratação por Soldada, no capítulo segundo, para desaguar nas estam-

pas, formadas pelos fios do tecido dessas presenças no mundo das letras, recorrendo aos Mapas de Frequência Escolar, no terceiro capítulo.

Inicialmente a pesquisa tenciona estabelecer o elo entre as reflexões no campo da História e a História da Educação com o conhecimento específico da construção da trama da sociedade de Vassouras e a inserção da escola nesse meio. A análise é realizada durante um período histórico que se configura como chave para a compreensão da formação de famílias, nessa região em particular, mas podendo ser extrapolada para a organização do modelo de produção e reprodução da estrutura social de grupos e classes no Brasil. Entretanto, para nosso contentamento, a pesquisação almeja restringir-se à problemática do passado da Educação, o que já constitui uma valiosa contribuição à história regional objetivada; para Alexandre, teorizar sobre o século XIX sem se importar sobre o século XXI não está de acordo com a seu pendor; assim, seus questionamentos avançam numa tentativa de compreender, de maneira geral, o processo de escolarização das crianças oriundas dos grupos mais desfavorecidos da sociedade, negros, afrodescendentes e indígenas, desmistificando a ideada ausência delas nas escolas, abordando, também, a sua permanência e eventuais saídas para o mundo do trabalho.

O estudo se debruça, também, sobre o processo de seleção dos professores, nas escolas tanto públicas como particulares, e de sua permanência nos seus postos de trabalho. Aqui reencontramos o personagem citado em comum nas nossas teses, quem apesar de filho de fazendeiro e fazendeiro ele próprio, acaba escolhendo a ocupação de empregado público, como professor, permitindo, com a sua iniciativa particular, manter as portas abertas de uma escola de crianças que de outra forma teriam ficado alijadas dos conhecimentos fornecidos nos primeiros anos da educação básica.

Nas conclusões Alexandre discorre sobre iniquidades e contradições entre as necessidades e as demandas da escolarização de crianças carentes, num meio onde não sobravam verbas e prolonga suas reflexões até os dias de hoje. Resumindo



o estado das escolas e seu funcionamento, atribuído a que os municípios não têm coragem de atacar o problema com seriedade, ele afirma que se produzem professores e alunos em que “um não ensina e outro não aprende”. O discurso de falta de verba já não se sustenta, mas o quadro de precarização permanece. O engajamento de Alexandre o leva a fazer História para compreender o que se passou, colocando-se no lugar do outro. E finaliza: “não fui eu quem viu as crianças negras em Vassouras, elas é que me viram e me chamaram para contar essa história”.

*Jose Luis Petruccelli*



Olhai para os lírios do campo, como eles  
crescem; não trabalham nem fiam.

*Mateus 6.28.*

## Lista de gráficos

Gráfico 1 – Libertos por gênero.....	68
Gráfico 2 – Estado civil dos libertos.....	70
Gráfico 3 – Cor dos sexagenários .....	71
Gráfico 4 – Alforriados por família .....	75
Gráfico 5 – Contratações por senhores .....	136
Gráfico 6 – Filhos da mesma família contratados por soldada.....	139

## Lista de ilustrações

Ilustração 1 – Mapa de Vassouras .....	50
Ilustração 2 – Comprovante de Matrícula.....	141
Ilustração 3 – Mapa de Frequência Escolar .....	165

## Lista de tabelas

Tabela 1 – Libertos por gênero .....	67
Tabela 10 – Filhos da mesma família contratados por soldada.....	138
Tabela 2 – Estado civil dos libertos .....	69
Tabela 3 – Cor dos sexagenários .....	73
Tabela 4 – Quantidade de libertos por família .....	76
Tabela 5 – Profissões dos libertos.....	78
Tabela 6 – Matrícula por município.....	94
Tabela 7 – Escolas por freguesia.....	95
Tabela 8 – Escolas subvencionadas por freguesia .....	115
Tabela 9 – De soldada por fundo/coleção.....	126

# Sumário

<b>Introdução</b> .....	25
<b>Capítulo 1. Fios: uma análise da história</b>	
de Vassouras, 1871-1910.....	47
Grossos fios de algodão: a fundação da cidade de Vassouras.....	50
Fios de Juta: a comunidade de velhos africanos em Vassouras.....	68
Fios de urdume: os indícios do processo de escolarização de crianças negras em Vassouras.....	89
<b>Capítulo 2. Tramas: a presença de crianças negras</b>	
no mundo do trabalho .....	120
Juntando as letras para formar palavras: as definições de soldada.....	120
Nas malhas da lei: os pedidos de Soldada de crianças negras .....	129
<b>Capítulo 3. Estampas: a presença de crianças</b>	
no mundo das letras .....	145
Os Mapas de Frequência Escolar.....	152
Estampas formadas pelos fios no tecido: dos nomes das crianças negras. ....	158
Deitando remendos num velho pedaço de chitão: seguindo as crianças negras nos Mapas de Frequência Escolar.....	166
A trajetória de Ataliba Gomes Coelho: o professor dos alunos negros .....	180
<b>Considerações finais</b> .....	191
<b>Referências</b> .....	203
Fontes.....	208



## Introdução

Nos campos onde cresciam lírios havia também escravos, alguns eram crianças que trabalhavam na lavoura de café. Havia meninos e meninas contratados à Soldada, outros eram filhos de mãe escrava que seguiam na lida, sem paga, sem nada. Porque não estavam na escola? Havia escolas para todos? O que a escola ensinaria seria tão significativo que mudaria a vida dessas crianças?

Na historiografia da Educação elas ficaram marcadas pela ausência nos bancos escolares durante o século XIX. Em 1854, quatro anos após a Lei Euzébio de Queirós, que proibiu o tráfico atlântico de escravos, o Regulamento Couto Ferraz<sup>1</sup> proibiu a matrícula de escravos nas escolas primárias e secundárias da Corte do Rio de Janeiro. Alguns pesquisadores confundiram negros com escravos, outros não foram aos arquivos e seguiram à risca o regulamento. O mundo do trabalho não era tão distante do mundo dos livros. Havia interdições, mas também brechas que permitiram a passagem dos indivíduos de um mundo para o outro.

Separada no tempo da reforma anterior por 25 anos, a Reforma Leôncio de Carvalho, votada em 1879, apresentava permanências do pensamento educacional, pois manteve a obrigatoriedade escolar, a proibição de matrícula para escravos e facultando a presença dos libertos nas escolas. Ela apresentava também rupturas ao propor a criação de jardins de infância para criança de três a sete anos, criação da Caixa Escolar, Biblioteca e Museu Pedagógico. Contudo, uma questão de peso nesse período era a participação política. Tanto Andre Paulo Castanha<sup>1</sup> como Alceu Ravello Ferraro apontam na mesma direção, indicando que a ampliação da par-

---

<sup>1</sup> Ver Castanha, André Paulo. *Edição crítica da legislação educacional primária e secundária do Brasil Imperial: a legislação geral e complementar referente à Corte entre 1827 e 1889*. Francisco Beltrão: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste - campus de Francisco Beltrão). Campinas: Navegando Publicações, 2013.